

“THE ECONOMIST” QUER QUE A EUROPA GASTE MAIS 400 BILHÕES DE DÓLARES NA UCRÂNIA. POR QUÊ?

A *The Economist* defende mais US\$400 bilhões para a Ucrânia, supostamente fortalecendo a Europa e aprofundando a integração do bloco; a verdadeira intenção seria federalizar a UE, e não derrotar a Rússia.

*Andrew Korybko**



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial

A *The Economist* [argumentou](#) que a UE e o Reino Unido deveriam satisfazer as necessidades de financiamento da Ucrânia estimadas em 390 bilhões de dólares durante os próximos quatro anos. Nas suas palavras, “*mais meia década de [suposta deterioração da situação econômico-financeira da Rússia] provavelmente desencadearia uma crise econômica e bancária na Rússia*”, enquanto

“qualquer solução de financiamento a longo prazo para a Ucrânia ajudaria a Europa a construir o músculo financeiro e industrial de que necessita para se defender”. Isto custaria apenas 0,4% do PIB por membro da OTAN (excluindo os EUA).

Eles também espalharam o medo de que *“a alternativa seria a Ucrânia perder a guerra e tornar-se um Estado amargurado e semifalido, cujo Exército e indústrias de defesa poderiam ser explorados pelo Sr. Putin como parte de uma nova e revigorada ameaça russa”*. Embora seja improvável que a Ucrânia algum dia se junte à Rússia para ameaçar qualquer Estado da OTAN, a Ucrânia poderá culpar Varsóvia pela sua perda, após o que a Ucrânia poderá apoiar uma campanha terrorista separatista na Polônia levada a cabo pela sua diáspora ultranacionalista, como aqui alertado.

Independentemente do que se possa pensar sobre o cenário acima mencionado, a questão é que a *The Economist* está empregando uma abordagem típica de incentivo e castigo, em uma tentativa de persuadir o seu público de elite europeu de que é menos dispendioso para eles pagar a conta estimada em 390 bilhões de dólares da Ucrânia ao longo dos próximos quatro anos do que não fazê-lo. O contexto imediato diz respeito à [intensificada guerra de desgaste por procuração dos EUA](#) contra a Rússia, como parte da nova estratégia de três fases de Trump, que pretende levar o Kremlin à falência e depois provocar agitação interna.

Para ser claro, citar esta estratégia não implica endosso, destina-se apenas a mostrar porque a *The Economist* acredita que seu público agora pode estar receptivo a esse apelo. Quanto a isso, será difícil convencer as pessoas de que precisam subsidiar a Ucrânia dessa forma pela próxima meia década, o que pode implicar em mais impostos e cortes nos gastos sociais. Afinal, se os 100 a 110 bilhões de dólares gastos este ano (*“a soma mais elevada até agora”*) não fizeram a Rússia recuar, o mesmo valor pelos próximos quatro anos provavelmente também não o fará.

A reserva de guerra da Rússia também é suficientemente grande para continuar a financiar o conflito durante este período, pelo que a proposta da *The Economist* apenas manteria o *status quo* em vez de alterá-lo a favor do Ocidente. A dinâmica poderá até mudar ainda mais a favor da Rússia, advertiu abertamente a *The Economist*, para seu crédito, *“se a Rússia conseguir recorrer à China para obter fundos”*. Nesse cenário, a UE seria provavelmente obrigada a *“aproveitar”* a sua

própria população para obter um montante equivalente, para pelo menos manter o *status quo*, agravando assim seu fardo, sem um fim claro à vista.

Tal como escreveu *The Economist*: “*a emissão de obrigações coletivas pela UE criaria um conjunto maior de dívida comum, aprofundando o mercado único de capitais da Europa e reforçando o papel do euro como moeda de reserva. Um horizonte plurianual para a aquisição de armas ajudaria a Europa a sequenciar a construção da sua indústria de defesa.*” Isto está alinhado com a avaliação de julho de 2024 de que “[a transformação planejada da UE em uma união militar é um jogo de poder federalista](#)”. Portanto, federalizar a UE, e não derrotar a Rússia, é o verdadeiro objetivo.

Esta percepção permite compreender porque as elites da UE – [especialmente na Alemanha](#), líder da UE – cumpriram as sanções anti-Rússia dos EUA às suas próprias custas econômicas. Em troca da neutralização do potencial do euro para rivalizar com o dólar, as elites da UE foram autorizadas a acelerar a federalização do bloco para consolidar seu poder, o que os EUA aprovaram depois de já não considerarem a [agora subordinada UE](#) como uma ameaça latente. Mais quatro anos de guerra por procuração e pelo menos cerca de 400 bilhões de dólares são agora necessários para concluir este processo.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.
